

# O DESCOBRIMENTO DO BRASIL, ANTES DE PEDRO ÁLVARES CABRAL

Leonardo Dantas SILVA

Quando a caravela de Cristóvão Colombo surgiu diante do Cabo da Roca, em quatro de março de 1493, após uma tempestade de vários dias que por pouco não a levava ao fundo do oceano, estava o Rei de Portugal, D. João II, refugiado no convento de Santa Maria das Virtudes, no Vale do Paraíso, fugido de uma epidemia de peste que assolava Lisboa.

A chegada da Caravela *Niña*, com suas velas rotas pela borrasca, logo despertou a curiosidade dos habitantes da Vila de Cascais, cujos mareantes há quatro meses encontravam-se recolhidos, impedidos de lançar suas embarcações ao mar, assustados com aquele inverno de tantas tormentas.

Já ancorado no Restelo, em plena foz do rio Tejo, Colombo escreveu ao Rei de Portugal, que se encontrava a nove léguas de Lisboa, pedindo proteção e ajuda em nome dos Reis de Castela, permanecendo com seu navio fundeado diante da nau capitânia da armada real, então sob o comando de Álvaro Daman e tendo como piloto Bartolomeu Dias; o mesmo que em 1488 contornara com o seu barco o cabo da Boa Esperança, no extremo sul do continente africano.

Na terça-feira, cinco de março, recebeu Colombo a visita de um batel no qual vinha o próprio Bartolomeu Dias, que lhe pedia para comparecer à presença do capitão Álvaro Daman, no que não concordou o genovês apresentando suas credenciais de Almirante dos Reis de Castela. Sabedor da presença ilustre, veio a bordo da *Niña* o próprio capitão Álvaro Daman, com um cortejo de atabales, trombetas e anafiles,

"fazendo grande festa", onde falou com o Almirante e ofereceu os seus préstimos.

Na quarta-feira, seis de março, sabedores que àquele barco vinha das Índias, cuja rota marítima só viria a ser descoberta por Vasco da Gama em 1498, a ele acorreram vários curiosos preocupados em conversar com a sua tripulação e saber das novidades das novas terras, acontecendo o mesmo no dia seguinte inclusive com a presença em tais comitivas de nobres e membros do conselho do Rei de Portugal.

Na sexta-feira, oito de março, recebeu Cristóvão Colombo carta do Rei D. João II, através de D. Martim de Noronha, o qual externou a sua vontade em receber o piloto genovês no Convento de Santa Maria das Virtudes. Transferindo-se para o Vale do Paraíso, pernoitando em Sacavém, Colombo veio encontrar-se com D. João II, conhecido como o *Príncipe Perfeito*, na noite do sábado, o qual, segundo o diário do escrivão da primeira viagem, o recebeu com muita honra mandando-o sentar demonstrando o seu contentamento pelo sucesso da viagem. Na ocasião declarou o *Príncipe Perfeito* que, pela narrativa de Colombo e com base no Tratado de Alcáçovas (1479) firmado com os Reis de Castela, "aquela conquista lhe pertencia"<sup>1</sup>.

## A REAÇÃO PORTUGUESA

A grande expedição de Cristóvão Colombo (1492-93), que resultou na descoberta de algumas ilhas das Bahamas e das Antilhas, consideradas então como pertencentes ao grande arquipélago asiático, antecedendo portanto ao Cipango (Japão), veio abalar as relações de Portugal e Castela com relação à partilha do Atlântico.

O *Príncipe Perfeito*, como era chamado D. João II, reafirmava que as descobertas de Colombo pertenciam a Portugal, dentro do que dispunha o Tratado de Alcáçovas, assinado em 1479. Por esse documento Castela reconhecia o direito dos portugueses ao domínio da costa africana e das ilhas do Atlântico, com exceção do arquipélago das Canárias, comprometendo-se a proibir que seus naturais, ou navegadores

---

<sup>(1)</sup> COLÓN, Cristóbal. *Los cuatro viajes. Testamento*. ed. de Consuelo Varela. Madri, Alianza Editorial, 1986.

estrangeiros, preparassem em seus portos navios de comércio para aqueles lugares sem a autorização expressa do Rei de Portugal.

No entanto, segundo esclarece Luís de Albuquerque<sup>2</sup>, o Tratado de Alcáçovas era omissivo quanto ao Atlântico Ocidental, dando origem, assim, a uma das mais célebres negociações diplomáticas envolvendo Castela e Portugal que, segundo o Rei de França, Francisco I, somente portugueses e espanhóis haviam sido beneficiados na divisão do mundo extra-europeu no testamento do primeiro Adão. A essas negociações ocorreu, instado pela Espanha, o Papa Alexandre VI (1492-1503), antigo cardeal Rodrigo Borja, natural de Valência, simpatizante dos Reis Católicos, Fernando e Isabel, que, pelo breve decreto **Inter caetera**, redigido em abril e pós-datado de três de março de 1493, concedia a esses soberanos a posse das novas ilhas e terras recém-descobertas ou por descobrir das bandas ocidentais do Atlântico, desde que não pertencessem ao domínio temporal de nenhum soberano cristão.

A resposta portuguesa não se fez esperar. Inicialmente deixou de transpirar a notícia da organização de uma grande armada, sob o comando de D. Francisco de Almeida, com destino às ilhas do poente, o que obrigou aos Reis Católicos o envio do emissário, Lopo de Herrera, em 22 de abril de 1493, a Lisboa, solicitando de D. João II a suspensão da medida. Concomitantemente, o emissário do Rei de Portugal, Rui de Sande, havia partido em cinco de abril, com destino a Madri, com o objetivo de fazer ciente aos Reis Católicos que "a coroa portuguesa interpretava os termos do convênio anteriormente firmado no sentido de a influência espanhola dever reduzir-se às Canárias - ou seja, reservando para si o direito às explorações nas áreas visitadas pelo genovês"<sup>3</sup>; tudo com base na interpretação portuguesa do Tratado de Alcáçovas de 1479.

Coube ao próprio Cristóvão Colombo aconselhar os Reis Católicos a adoção de uma "raia" (meridiano) que passasse a cem léguas ao ocidente do arquipélago do Cabo Verde, ficando o poente para Castela e a parte oriental para Portugal.

(<sup>2</sup>) ALBUQUERQUE, Luís de. In SERRÃO Joel. *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1963-71. 4 v. p. 175-176.

(<sup>3</sup>) FONSECA, Luís Adão da. *Significado do Tratado de Tordesilhas*. Oceanos, Lisboa, n. 18, p. 8-10, jun. 1994.

Por razões até hoje obscuras, a solução não foi acolhida pelo Príncipe Perfeito. Razões nunca explicadas revelam no comportamento de D. João II, inclusive em fatos da vida diária narrados por Garcia de Rezende, in *Vida e feitos de D. João II*, a prática daquilo que Jaime Cortezão veio chamar de "política do sigilo" procurando esconder, nas suas contra-informações, um grande conhecimento das rotas do Atlântico Sul, muito especialmente das terras desconhecidas da banda do poente<sup>4</sup>.

## O CONHECIMENTO DOS PORTUGUESES

No dizer de Frédéric Mauro, "foram os portugueses que prepararam e realizaram as primeiras grandes viagens de descoberta, imprimindo ao seu conhecimento marítimo e colonial a marca que indiscutivelmente os distingue dos espanhóis [...] Enquanto a maior parte da Europa conhecia uma 'renascença humanística', essencialmente voltada para os textos e os movimentos da antiguidade greco-romana, os portugueses introduziram no Ocidente o uso da numeração árabe, e, portanto, do zero, representando este um passo decisivo no desenvolvimento do cálculo numérico. Foram também os portugueses que primeiro afirmaram a sua fé na ciência experimental. 'A experiência é a madre de todas as coisas', proclama Duarte Pacheco Pereira, um dos grandes viajantes da época. Depois da bússola, vinda da China, e do compasso, os portugueses utilizaram também o quadrante, o astrolábio e outros instrumentos para medir a altura do Sol ou da estrela polar, acima do horizonte". Isso fez com que os navegadores portugueses, herdeiros de uma tradição náutica e dos conhecimentos aprimorados da "Escola de Sagres", iniciada pelo Infante D. Henrique (1415-1460), aplicassem seus conhecimentos nas rotas do Atlântico ocidental, atingindo o Marrocos, a África Ocidental, as ilhas do Cabo Verde, as Canárias e os arquipélagos da Madeira e dos Açores, ilhas que, a exceção das Canárias, só foram descobertas e habitadas pelo homem após o início do século XV. Para isso fez uso constante da *caravela*, navio de velas latinas que possibilitava o uso dos ventos alísios, na sua

<sup>(4)</sup> AMARAL, Ferreira do. A arca perdida. In: **Descobrimientos-Universalismo humanista**. Lisboa: Diário de Notícias, 1992, p. 66-68.

navegação, transformando-se num instrumento ideal de transporte ligeiro ao longo das costas da África e entre as ilhas do Atlântico.<sup>5</sup>

Com tamanho acervo de precisos conhecimentos, estava o *Príncipe Perfeito*, por certo, ciente das rotas secretas, de desconhecidos mapas, da notícias de terras que viriam servir de suporte ao caminho das Índias, bem longe das calmarias da costa africana. Daí a sua posição firme em manter com os Reis Católicos os termos do tratado das Alcáçovas-Toledo (1479-1480), que dividia o Atlântico em duas partes, separadas por uma linha horizontal imaginária situada ao sul das Canárias; "o oceano situado ao norte desta linha pertenceria a Castela, cabendo o meridional a Portugal", merecendo o seguinte comentário de Luís Adão da Fonseca:

O que é interessante neste acordo - especialmente no que se refere à divisão atlântica - é a circunstância de que, pela primeira vez em textos desta natureza, não se divide apenas uma rota ou um espaço já conhecido, mas faz-se incidir o acordo diplomático em espaços ainda por conhecer (com independência do que futuramente se venha descobrir), que assim são de antemão objeto de um acordo de partilha. As palavras do tratado são, só por si, significativas: *E todas as ilhas que agora têm descobertas e quaisquer outras ilhas que se acharem ou conquistarem, as ilhas de Canária para baixo contra Guiné, porque tudo o que é achado e se achar, conquistar ou descobrir nos ditos limites para além do que já está achado, ocupado, descoberto, fica para os dito rei e príncipe de Portugal e seus reinos, tirando somente as ilhas de Canária*<sup>6</sup>

Vale lembrar que Portugal, graças à experiência dos seus navegadores e pilotos, se transformara desde o século XV num dos maiores centros da cartografia náutica daqueles dias. Da pesquisa sistemática empreendida pelo almirante Avelino Teixeira da Mota, que resultou na monumental obra em seis volumes *Portugaliae Monumenta Cartographica* (Lisboa, 1960), se sobressaem 47 cartógrafos portugueses.

<sup>(5)</sup> MAURO, Frédéric. As sete partidas. In: *Descobrimentos-Universalismo humanista*. - Op. cit., p. 26-30.

<sup>(6)</sup> FONSECA, Luís Adão da. Op. cit., p. 8-10.

Este número, segundo o mesmo autor, não tem comparação com qualquer outro país marítimo do Ocidente europeu da época, superando inclusive a escola de Maiorca da qual apenas se relacionam 21 nomes. Alguns cartógrafos portugueses prestaram serviços a outras nações, destacando-se vários em posições de relevo, a exemplo de André Homem, cosmógrafo do Rei Carlos IX de França, e Diogo Ribeiro, que foi cosmógrafo-mor da Casa de la Contratacion de las Índias, em Sevilha. Foram nítidas a influência de cartógrafos portugueses nas várias "escolas" dos séculos XVI e XVII, como na Espanha (Sevilha), França (Dieppe), Itália, Holanda e até no Japão, onde mais de vinte cartas daqueles portugueses podem ser relacionadas no período.

É da lavra de cartógrafo português desconhecido, pertencente às oficinas Reais de Lisboa, o célebre planisfério que Alberto Cantino, espião português a serviço do Duque de Ferrara, Hércules I d'Este, adquiriu pelo valor de 12 ducados de ouro. O famoso mapa tem a dimensão de 105 x 220 cm., tendo sido elaborado entre setembro e outubro de 1502, e já traz assinalado acidentes da costa do Brasil, do Amazonas a Cabo Frio (RJ) e terras outras cuja descoberta só muito depois viriam a ser anunciadas, como a ilha de Ascensão e a costa Leste da América do Norte, esta última descoberta dez anos depois<sup>7</sup>.

## **O TRATADO DE TORDESILHAS**

Com tamanho manancial de informações, sobre a existência, ou quase certeza, de novas terras no Atlântico ocidental, o Príncipe Perfeito procurou pressionar os Reis Católicos anunciando uma possível aliança com Carlos VIII, Rei da França, ao mesmo tempo que cuidava dos preparativos de uma grande expedição à Índia, com base na rota de Bartolomeu Dias quando do contorno do cabo da Boa Esperança (1488) e expedições outras de conhecimento do regime dos ventos e das correntes marítimas no quadrante sudoeste do Atlântico Sul.

Em abril de 1494, os Reis Católicos receberam o enviado Antônio de Torres, a quem Cristóvão Colombo encarregara de

---

<sup>(7)</sup> O mapa foi extraviado em 1859 e reencontrado, trinta anos depois, pelo diretor da Biblioteca de *Módona*, Giuseppe Boni, que o adquiriu a um açougueiro e o devolveu para a Biblioteca Estense, da Universidade de *Módona*, em cujo acervo se encontra.

transmitir informações sobre sua segunda viagem. Em documento datado de 30 de janeiro daquele ano, o Almirante garantia que as ilhas encontradas (Guadalupe, Porto Rico e Jamaica) pertenciam ao "princípio do Oriente", motivando daí a quase certeza da inexistência de terras por descobrir naquela região austral, compreendida entre 100 e 370 léguas.

Portugal enviou à Espanha uma segunda embaixada composta por Rui de Souza, D. João de Souza, Aires de Almeida, Estêvão Vaz, dentre outros, a qual coube, após dilatadas conversações, estabelecer as condições e o texto final do Tratado de Tordesilhas, firmado em sete de julho de 1494. Nas cláusulas principais do tratado, reconhecia-se como pertencentes a Castela todas as ilhas e terras descobertas além de um meridiano, que passaria a 370 léguas ao Oeste do arquipélago do Cabo Verde; excetuando-se as encontradas, entre as 250 e as 370 léguas, viessem a ser descobertas por essas embarcações até vinte de junho de 1494. Num resguardo as descobertas de Cristóvão Colombo em sua segunda viagem.

A diplomacia portuguesa, estribada nos informes de D. João II com a sua "política do sigilo", tem assim uma "genial vitória sobre Castela", na observação de Joaquim Bensaúde, in *Anais*, Academia Portuguesa da História. v. I, p.227. Lisboa 1946, que adianta "só possível devido aos infinitos recursos do rei português". Jaime Cortesão, in *História dos Descobrimentos Portugueses* v. I p. 184, comenta o fracasso dos Reis Católicos e do Papa Alexandre VI:

O certo é que o Papa Alexandre VI, ou por ter igualmente o sentimento de que fora logrado, ou porque sabia da amarga desilusão dos monarcas espanhóis, não quis publicar a nova bula 'de aprovação e outorga'. Mas tanto a dolorosa surpresa experimentada em Espanha, como a inquietação de D. Manuel nos provam que o descobrimento do caminho marítimo para a Índia e o monopólio do tráfico do Oriente eram o supremo objetivo quer da política portuguesa, quer da espanhola.

A tenacidade de D. João II, defendendo inicialmente o paralelo das Canárias e depois, quando tal solução tornou-se insustentável, o alargamento da raia proposta para 370 léguas, só é justificada por dois motivos: garantir para Portugal a navegação no

Atlântico meridional, sem a intromissão de qualquer natureza, e a incorporação à Coroa portuguesa das terras situadas no sudoeste do Atlântico Sul de cuja existência parecia ter convicção: A existência do Brasil era uma certeza para o *Príncipe Perfeito*.

Independentemente da discussão em torno do conhecimento e intenções de D. João II, o que viria justificar a sua obstinação na manutenção do meridiano de Tordesilhas em 370 léguas a Oeste das ilhas do Cabo Verde, o que é certo é que a diplomacia portuguesa conquistou assim o direito de navegação no Atlântico Sul e a imensa faixa do território do Brasil, compreendida entre a baía do Maracanã, no litoral do Pará, e o município de Laguna, em Santa Catarina.

Para o professor Jorge Couto, da Universidade de Lisboa, "sem as concepções geopolíticas do *Príncipe Perfeito*, muito avançadas para o seu tempo e a sua determinação e habilidade político-diplomática - bem patenteadas nas conversações que conduziram à assinatura dos Tratados de Tordesilhas - Portugal não só teria enfrentado grandes dificuldades na estruturação e manutenção da Carreira da Índia como não teria tido qualquer presença no Novo Mundo, cuja conseqüência última seria a inexistência do Brasil tal como conhecemos: desde a sua designação, passando pelas fronteiras, composição étnica, língua, até às características culturais, civilizacionais e idiossincráticas do seu povo que tanto o individualizam"<sup>8</sup>

## A MISSÃO DE DUARTE PACHECO PEREIRA

Com a ascensão de D. Manuel I (1469-1521) ao trono português, em 1495, sucedendo ao seu cunhado, D. João II, devido ao falecimento de seu único herdeiro e às mortes sucessivas de seus irmãos mais velhos, as viagens marítimas em busca de uma ligação com a Índia e a procura de novas terras vieram ganhar um novo impulso.

<sup>(8)</sup> COUTO, Jorge. *A construção do Brasil - ameríndios, portugueses e africanos, do início do povoamento a finais de quinhentos*. Lisboa: Edições Cosmos, 1995. 409 p. il. COUTO, Jorge. *Portugal y la construcción de Brasil*. Madrid: Editorial Mapfre, 1996. 515 p. il.

Inicialmente foi organizada a expedição de Vasco da Gama, constituída de quatro navios e 170 homens, que, partindo de Lisboa em 8 de julho de 1497, chegou ao Cabo verde em agosto. De lá, seguindo orientação de Bartolomeu Dias, zarpou em direção ao sudoeste, de modo a contornar o Cabo da Boa Esperança, o que vem acontecer em 18 de novembro, atingindo Sofala, na costa de Moçambique, a 14 de março. Com auxílio do sultão de Melinde, no atual Quênia, conseguiu um piloto para com ele fazer a rota com destino a Calicute, na Índia, onde chegou em maior de 1498. O anúncio do grande feito, porém, só vem a ser conhecido em Portugal um ano mais tarde, quando do retorno de Vasco da Gama com apenas dois navios e 55 homens em sua tripulação.

D. Manuel, por sua vez, vem a casar-se, em outubro de 1497, com a filha primogênita dos Reis Católicos, a infanta Isabel, tornando-se, assim, pretendente ao trono espanhol em virtude do falecimento de seu único herdeiro, o príncipe D. João que, casado com Margarida de Áustria, não deixara sucessores.

Deixando Lisboa, o monarca entregou o trono português a regência de sua irmã, D. Leonor, auxiliada pelo Duque de Bragança e pelo Marquês de Vila Real. Em Toledo, a 28 de abril de 1498, D. Manuel e sua mulher vieram a ser jurados herdeiros dos tronos de Castela e Aragão. A sorte, porém, nem sempre esteve ao lado do monarca português que, a 24 de agosto do mesmo ano, viu falecer sua mulher após o nascimento do futuro príncipe D. Miguel da Paz.

Com a morte de D. Isabel, foi D. Manuel destituído da qualidade de herdeiro do trono de Castela e Aragão, tendo que retornar a Portugal, em 7 de outubro de 1498. O príncipe D. Miguel, por sua vez, veio a falecer em Granada, a 19 de julho de 1500, sepultando definitivamente o sonho do pai em vê-lo no trono de Espanha.

De imediato, o monarca português, que veio a ser conhecido como o *Venturoso*, já ciente da partida da terceira esquadra de Colombo em busca de novas terras e das viagens do veneziano João Caboto, em direção ao hemisfério ocidental, retomou, com celeridade, o patrocínio das expedições marítimas em busca de um caminho para às Índias e a descoberta de novas terras, situadas a sudoeste do que veio a ser denominada de linha do Equador.

Não tinham até então os signatários do Tratado de Tordesilhas a certeza da linha demarcatória, a ser fixada ao oeste das ilhas do Cabo Verde, daí a necessidade de um maior conhecimento. Para isso foram contratados os serviços do experiente navegador Duarte Pacheco Pereira, que em novembro-dezembro de 1498, partiu do arquipélago do Cabo Verde, "muito provavelmente da ilha de Santiago", em direção ao sudoeste, procurando estabelecer os limites das terras pertencentes à coroa portuguesa, situados na "quarta parte" do Mundo.

Cosmógrafo, de conhecimentos náuticos consagrados, signatário que foi do Tratado de Tordesilhas, Duarte Pacheco Pereira, partiu em busca de novas terras situadas no hemisfério ocidental, "a quarta parte que Vossa Alteza mandou descobrir além do oceano"; conforme menciona do *Esmeraldo de Situ Orbis*, "livro de cosmografia e marinaria" por ele escrito, no qual apresenta, pela primeira vez, uma descrição pormenorizada e comparativa dos biótipos dos povos que habitavam, na altura da linha do equador, a costa oeste da África e a costa norte do Brasil.<sup>9</sup>

Em seu livro *A conquista do Brasil*<sup>10</sup>, o historiador Jorge Couto, da Universidade de Lisboa, chama a atenção para a façanha de Duarte Pacheco Pereira, a quem Luís de Camões chamou, em *Os Lusíadas*, de *Aquiles Lusitano*. Foi ele quem primeiro descreveu as populações indígenas residentes no litoral norte da Terra de Santa Cruz - "... são pardos quase brancos; e estas são gentes que habitam na terra do Brasil, de que já no segundo capítulo do mesmo livro fizemos menção"<sup>11</sup>. Quando de sua viagem ao litoral brasileiro, entre dezembro de 1498 a maio de 1499, navegou ao longo do trecho compreendido do Maranhão, Pará, estuário do Rio Amazonas, ilha de Marajó, até o Amapá, além de "uma parcela da orla marítima setentrional da América do Sul", pela primeira vez registrado em cartografia no planisfério de

(9) *Esmeraldo de Situ Orbis*. ed. de Damião Peres. Lisboa, 1988. "Uma espécie de tratado global de marinaria da segunda fase de navegação astronômica no Atlântico, reproduzindo um dos primeiros regimentos portugueses do Sol e um dos mais antigos roteiros com latitudes. Tem também um grande interesse pelas descrições que faz das costas e entradas de portos", in *Portugal na abertura do mundo*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1991.

(10) COUTO, Jorge. op. cit. p.149-160.

(11) *Esmeraldo de Situ Orbis*. ed. de Damião Peres. Lisboa, 1988; op. cit.

autor português anônimo, comprado por Cantino, clandestinamente, em 1502, sobre o qual já nos referimos.

A expedição, ao entrar na zona onde se faz sentir a influência da corrente equatorial "fechou ligeiramente para sul o seu rumo, de modo a compensar o arrastamento para oeste causado por aquela corrente", avistando o litoral brasílico por volta dos 2º S. Ao encontrar a "corrente das guianas" - que nas proximidades da faixa litorânea inflete para noroeste - Duarte Pacheco terá continuado a viagem nesse rumo, uma vez que do "Cabo de Santo Agostinho para o rio das Amazonas é a monção perpétua e se não pode voltar pela costa em tempo algum". Na aproximação a terra o navegador terá iniciado, em novembro-dezembro de 1498, a exploração da porção norte da costa maranhense, do estuário do Amazonas e de uma parcela da orla marítima setentrional da América do Sul.<sup>12</sup>

Segundo a mesma fonte, a viagem de Duarte Pacheco Pereira não veio a ser divulgada pela coroa portuguesa, em virtude do fato de que as terras por ele descobertas estavam situadas a 36º a oeste de Lisboa, "razão pela qual a zona de soberania portuguesa na 'quarta parte' do Mundo apenas se iniciaria nessa latitude, excluindo, por conseguinte, uma parte do litoral maranhense e a totalidade do paraense, que foram localizados como estando localizados na esfera de influência castelhana"<sup>13</sup>.

Somente depois do retorno da expedição de Duarte Pacheco Pereira e de D. Manuel I ter tomado conhecimento da existência de um continente no hemisfério ocidental, que veio a ser chamado de *Novo Mundo*, é que veio se ter notícia do sucesso da descoberta de um novo caminho marítimo para as Índias por Vasco da Gama. A boa nova foi trazida pela nau *Bêrrio*, comandada por Nicolau Coelho, que fundeou no Tejo a 10 de julho de 1499, desencadeando, desde logo, uma intensa atividade diplomática portuguesa, junto ao Vaticano e aos Reis Católicos, com repercussões em Veneza, França e Inglaterra, visando estabelecer a estruturação da primeira rota marítima e ligação comercial entre a Europa e a Ásia, com o conseqüente monopólio da coroa portuguesa.

<sup>(12)</sup> COUTO, Jorge. op. cit. p.157

<sup>(13)</sup> COUTO, Jorge. op. cit. p.157.

D. Manuel, passa assinar usufruir o título de "Senhor da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia".

## PEDRO ÁLVARES CABRAL

A fim de consolidar a nova rota marítima de comércio, o *Venturoso*, como passou a ser chamado, resolve armar uma grande frota constituída de seis naus, três caravelas redondas, uma nau mercante, uma naveta de mantimentos, acrescida da nau-capitânia e da sota-capitânia, confiando o comando, por carta régia de 15 de fevereiro de 1500, a Pedro Álvares de Gouveia, segundo filho de Fernão Cabral, senhor de Belmonte e corregedor da Beira.<sup>14</sup>

<sup>(14)</sup> Nascido em Belmonte, em 1467 ou 1468, Pedro Álvares Gouveia usava, em 1500, o nome de família de sua genitora, Isabel de Gouveia. Somente em 1509, quando do falecimento do seu irmão mais velho, é que passou a fazer uso do nome de família do seu genitor, assinando-se Pedro Álvares Cabral. Era casado com D. Isabel de Castro que, apesar de ser neta dos reis D. Fernando de Portugal e D. Henrique de Castela, bem como sobrinha de Afonso de Albuquerque (c 1462 - 1515), Governador da Índia (1508) e conquistador do Oriente, era de uma família nobre de prestígio mas desprovida de riquezas. Por ingerência de Afonso de Albuquerque, responsável pela união de Cabral com a sua sobrinha, o rei D. Manuel lhe concedeu, em 1514, uma tença anual de 200.000 reis; ANTT Corpo Cronológico, P 11, M.o 44, doc. 43. Por ter recusado a participar da segunda esquadra enviada à Índia, em 1502, Cabral indis pôs-se com o rei D. Manuel, passando então a viver no ostracismo, recolhido em Santarém, terra de sua mulher, onde veio a falecer no final do ano de 1520, vitimado pela malária adquirida em Calicute, sem avaliar a real grandeza do seu feito. Foi sepultado na na igreja da Graça, daquela cidade, em jazigo da família de sua mulher. Na lápide, à esquerda do altar-mor, se lê: "Aquijaz Pedralvares Cabral e dona Isabel de Castro sua mulher cuja he esta capella e de todos os seus erdeiros a qual depois da morte de seu marido foi camareira mór da Infanta Dona Maria filha del rei Dom João o terceiro deste nome" - nenhuma referência de que ele fora o descobridor do Brasil! Sobre esse fato, comenta Pedro Calmon, "essa lápide decorre a certeza de que Cabral morreu sem ter percebido inteiramente a importância do seu descobrimento, e, ao tempo, não parecia ele mais digno de memória do que o título de camareira-mor da infanta.... De um modo ou de outro, é ironia do destino, seja o cargo de Isabel de Castro o que mais se evidencia na inscrição sepulcral do descobridor do Brasil! Em 1520 - é certo - o Brasil ainda era vaga expressão geográfica: continuava a fascinação do Oriente e somente aí a glória .... A simplicidade da lápide é um sinal a mais, da pouca estima que ligou D. Manuel ao feito de seu capitão, parcialmente recompensado, três lustros depois, graças ao parentesco de Albuquerque"; in *História do Brasil* Rio: José Olympio, 1959 v.1 p. 93.

No domingo, 8 de março de 1500, D. Manuel fez questão de realizar as despedidas da armada comandada por Pedro Álvares em solenidade religiosa, oficiada debaixo de grande pompa por D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, na Capela do Infante (*Ermida de São Jerônimo*), situada no Restelo, com a presença de toda a corte, dos comandantes e tripulação, na qual foi entregue ao capitão-mor o pavilhão da Ordem de Cristo - ordem militar originária dos Cavaleiros Templários da Idade Média.

Na manhã seguinte, zarpou de Belém a armada de Pedro Álvares levando em seu bojo entre 1200 a 1500 homens, entre tripulação, soldados, besteiros, feitor, agentes comerciais e escrivães, o cosmógrafo Mestre João Faras<sup>15</sup>, especialista em geografia e astronomia, o vigário frei Henrique de Coimbra, oito sacerdotes seculares, oito frades franciscanos. Levava como intérprete o cristão-novo Gaspar da Gama<sup>16</sup>, também conhecido como "Gaspar da Índia", um judeu polonês, capturado por Vasco da Gama, que lá vivera 30 anos e que, em Lisboa, fora convertido ao cristianismo e batizado com o nome de família do seu padrinho.

Contando com a experiência de navegadores consagrados, como Nicolau Coelho, que acompanhara Vasco da Gama em sua primeira viagem; de Bartolomeu Dias, o primeiro a contornar o Cabo da Boa Esperança (1487) - conhecido pelos mareantes como Cabo das Tormentas ou Cabo Não -, e de seu irmão, Diogo Dias, Pedro Álvares aventurou-se no mar. As demais naus eram comandadas por representantes da nobreza de então: Simão de Miranda Azevedo, Aires Gomes da Silva, Simão de Pina, Vasco de Ataíde, Nuno Leitão da Cunha, Pero de Ataíde, Gaspar de Lemos, Luís Pires e Simão de Pina.

Velas enfunadas, a armada de Pedro Álvares se fez ao mar com a certeza de sua missão de achar novas terras situadas a sudoeste, na "quarta parte do mundo", dentro da raia prevista no Tratado de Tordesilhas, necessárias como ponto de apoio ao que veio a ser

<sup>(15)</sup> Bacharel em artes e medicina, físico e cirurgião. Sobre a importância de sua obra, ver Joaquim Barradas de Carvalho, *La traduction espagnole du "De Situ Orbis" de Pomponius Mela par maître Joan Faras et les notes marginales de Duarte Pacheco Pereira*. Lisboa, 1974.

<sup>(16)</sup> LIPINER, Elias. *Gaspar da Gama, um converso na frota de Cabral*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

chamada de Carreira da Índia. Zarpando a 9 de março de 1500, a 14 desse mês passou ao largo do arquipélago das Canárias e, a 22 do mesmo mês, avistou a ilha de São Nicolau, no arquipélago de Cabo Verde, e, ao contrário do que lhe fora aconselhado nas instruções, optou por não se reabastecer de água. O fato é visto por alguns historiadores como a comprovação de uma certeza de que o capitão-mor tinha conhecimento da existência da nova terra, a oeste das ilhas de Cabo Verde, distante apenas alguns dias de navegação, na qual ele deveria se reabastecer de água e lenha necessários ao objetivo principal de sua expedição.

No dia seguinte, 15 de março, "sem que houvesse tempo forte ou contrário para poder ser", conforme atesta o escrivão da armada, desapareceu a nau de Vasco de Ataíde, com a sua tripulação de 150 homens, sendo infrutíferas todas as tentativas de encontrá-la.

No dia 21 de março, Mestre João divisa a constelação da Cruz, depois denominada de *Cruzeiro do Sul*, cruzando assim a linha do equador.

Até então a viagem fora um sucesso, chegando por vezes as naus a velocidade média de 5,8 nós por hora (cerca de 10 km), um verdadeiro feito para a época. Entre 29 e 30 de março, porém, a esquadra entra na "zona das calmarias" onde, por dez dias, fica ao sabor da "corrente equatorial", que a afasta da rota cerca de 90 milhas para o oeste. Encontrando a "corrente brasileira", que arrasta os barcos em direção ao quadrante sudoeste, a esquadra logo alcança a velocidade média dos 5 nós, "fechando sempre sobre a costa".<sup>17</sup>

Na terça-feira após a Páscoa, 21 de abril, segundo testemunho do escrivão da armada, Pero Vaz de Caminha, foram encontradas "muita quantidade d'ervas compridas a que os mareantes chamam de botelho e assim outras, a que também chamam de rabo d'asno", confirmando assim os primeiros sinais de terra. No dia seguinte, 22 de abril de 1500, segundo a mesma fonte:

Na quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves conhecidas por *fura-buchos*, e nestes dia, a hora das vésperas, houvemos vista de terra, primeiramente dum grande monte bem alto e redondo e de outras serras mais

(17) GUEDES, Max Justo. O descobrimento do Brasil. Lisboa:1989. 2a ed. p.103.

baixas ao sul dele e de terra chã com grandes arvoredos; ao monte pôs o capitão o nome de Pascoal e à terra, T'erra da Vera Cruz. Mandou lançar o prumo, acharam vinte e cinco braças e ao sol posto, obra de seis léguas da terra, surgimos em dezenove braças, ancoragem limpa, onde permanecemos toda aquela noite e, na quinta-feira de manhã, fizemos vela e seguimos direto à terra, os navios pequenos adiante, por dezessete [...] e nove braças até meia légua de terra, onde todos ancoramos na direção da foz dum rio. Chegáramos a esta ancoragem às dez horas pouco mais ou menos e dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo os navios pequenos disseram por chegarem primeiro.<sup>18</sup>

Estava assim lavrado o "auto de nascimento do Brasil", culminando com Pedro Álvares a série de incursões de navegadores anônimos que, nas suas expedições, anteriores a 1500, procuravam situar o ponto do desembarque oficial dentro da raia prevista a 7 de julho de 1494, quando da assinatura do Tratado de Tordesilhas, que reservara para a coroa portuguesa as terras existentes dentro das 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde, merecendo o seguinte comentário de Jorge Couto:

Os navegadores cabralinos adotaram uma rota mais correta do que a recomendada por Luís Teixeira, na segunda metade de [anos] Quinhentos, que aconselhava os pilotos a afastar os seus navios do litoral "a partir dos 16 graus e meio por causa dos baixos dos Abrolhos que são muito perigosos e botam muito ao mar", manobra que, a ser efetuada, impediria qualquer navio de alcançar Porto Seguro, situado em 16°27'<sup>19</sup>

<sup>(18)</sup> Pero Vaz de Caminha, *Carta do Achamento do Brasil* etc. Este documento de catorze folhas, datado de Vera Cruz, 1º de maio de 1500, encontra-se transcrito neste volume em fac-símile e leitura paleográfica (p. 63-92), com versão para linguagem atual a cargo do Doutor Antônio Baião (p. 93-102). Original (295 x 209 mm) conservado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa); Gaveta 8, Mº 2, nº 8.

<sup>(19)</sup> COUTO, Jorge. op. cit. p.173.

TEIXEIRA, Luís. *Roteiro de todos os sinais, conhecimentos, fundos, baixos, alturas, e derrotas que há na costa do Brasil desde o cabo de Santo Agostinho até o estreito de Magalhães*. Manuscrito elaborado em cerca de 1586, conservado na Biblioteca da Ajuda (Lisboa). Ed. fac-similar organizada por Melba Ferreira da Costa. Lisboa: Tagol, 1988.

Nada escapou ao registro do experiente escrivão, naquele primeiro contato oficial de portugueses com a terra brasileira, que poderão ser assim resumidos: quinta-feira, dia 23, Nicolau Coelho é mandado a terra, mas não desembarca; sexta-feira, dia 24, a frota muda de ancoradouro, navegando dez léguas ao norte, encontrando "um arrecife [a Coroa Vermelha] com um porto dentro, muito bom e muito seguro [a baía Cabrália], com uma mui larga", onde lançaram âncoras dentro de uma baía chamada pelo capitão-mor de Porto Seguro [a baía de Cabrália], local onde os portugueses vêm a conviver de perto com os ameríndios, que ajudaram no reabastecimento de água e de lenha. Na ocasião foram trocados presentes, "um barrete vermelho, uma carapuça de linho que levava na cabeça e o sombreiro preto. Em um deles deu um sombreiro de penas de aves compridas com uma pequena copa de penas vermelhas e pardas, como de papagaio e outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas, meúdas, peças que segundo creio o capitão envia a V. A. ... ."

No domingo seguinte, após a Páscoa, 26 de abril, é rezada a primeira missa por frei Henrique de Coimbra num ilhéu, hoje chamado de ilhéu da Coroa Vermelha. Na terça-feira, 28 de abril, o capitão-mor manda construir uma grande cruz de madeira, junto a foz do rio (*Mutari*) junto a qual, depois de hasteada no dia 1º de maio, sexta-feira, é rezada a segunda missa. No dia 2 de maio, onze navios da esquadra seguem em direção ao Cabo da Boa Esperança e a naveta de mantimentos, sob o comando de Gaspar de Lemos, volta à Lisboa com as cartas anunciando a descoberta oficial da nova terra, levando apetrechos indígenas, papagaios, araras, pau-brasil e frutos outros, deixando em Afonso Ribeiro e outro degredado.

A *Carta de Pero Vaz de Caminha* é um dos mais importantes documentos acerca dos descobrimentos portugueses ao tempo do rei D. Manuel I, superior do ponto de vista antropológico aos relatos de Américo Vespúcio, cujas sucessivas edições alcançaram grande sucesso na primeira metade do século XVI, como bem demonstra este trecho traduzido pelo então diretor do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Antônio Baião:

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, bons rostos e narizes bem feitos; andam nus, sem nenhuma

cobertura, não se importam de nenhuma cousa de cobrir, nem mostrar suas vergonhas e estão, acerca disso, com tanta inocência como têm ao mostrar o rosto. Ambos traziam os lábios de baixo furados e metidos por eles ossos brancos do comprimento de uma mão travessa e da grossura de um fuso de algodão e agudo na ponta como um furador; metem-nos pela parte de dentro do lábio e, o que lhe fica entre ele e os dentes é feito como um roque de xadrez e de tal maneira o trazem encaixado que os não incomoda, nem lhes perturba a fala, nem o comer, nem o beber. Os cabelos são corredios e andavam tosquiados de tosquia alta, mais que sobre o pente de bom tamanho e rapados até por cima das orelhas. Um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte, por detrás, uma espécie de cabeleira de penas de ave amarela que seria do comprimento dum conto, mui basta e cerrada, que lhe cobria o touço e orelhas, a qual andava pegada nos cabelos pena a pena com uma confeição branda como cera e não era, de maneira que andava a cabeleira mui redonda, basta e igual, que não fazia falta mais lavagem para a levantar. [...] Entre eles andavam três ou quatro moças, bem jovens e bem gentis, com os cabelos muito pretos e compridos pelos ombros e as suas vergonhas tão altas e cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de a nós muito bem olharmos, não nos envergonham. [...] Uma daquelas moças era toda pintada de alto a baixo com aquela tintura e tão bem feita e tão redonda em suas formas, tão graciosas, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhes tais feições, causaria pena não terem as suas como ela.

Ao contrário dos relatos de Américo Vespúcio, a carta do escrivão da armada permaneceu no esquecimento até 1793, ano em que seu original foi encontrado na Torre do Tombo (Lisboa) por Juan Batista Munoz, sendo pela primeira vez divulgado pelo padre Ayres de Casal, quando da edição do seu livro *Corografia Brasilica* (Rio de Janeiro, 1817).

O período em que a armada de Pedro Álvares esteve ancorada na costa brasileira foi chamado, por Carlos Malheiro Dias, de Semana

de *Vera Cruz*<sup>20</sup>, artigo no qual descreve, com base nos relatos do escrivão da frota, do Mestre João e do chamado *Piloto Anônimo*<sup>21</sup>, o primeiro contato dos portugueses com a terra brasilica.

Continuando sua viagem com destino à Índia, Pedro Álvares, seguindo as recomendações de Vasco da Gama, navega no sentido sudeste em busca do Cabo da Boa Esperança, que os marinheiros denominavam de Cabo das Tormentas. A sorte, que o acompanhara até então, parece o ter abandonado logo no dia 23 de maio, quando uma forte tempestade, já nas proximidades do cabo veio a provocar fortes baixas na esquadra. Na ocasião naufragaram as naus de Aires Gomes da Silva, Luís Pires e Simão Dias, levando mais consigo mais de 300 homens, seguindo-se da caravela de Bartolomeu Dias, o mesmo que houvera descoberto o Cabo da Boa Esperança, com 80 homens.

Somente a 16 de julho, os cinco navios restantes da esquadra vieram se reencontrar, completamente avariados e com as suas tripulações em pânico, na ilha de Quiloa, na costa do atual Quênia. "A nau de Diogo Dias sobreviveu à tempestade, mas desgarrou-se e foi parar em Mogadíscio, na Etiópia, tornando-se o primeiro navio europeu a singrar o Mar Vermelho"<sup>22</sup>

A viagem se seguiu com a frota portuguesa atingindo Sofala, em julho, e Melinde, a 2 de agosto, onde com o apoio do xeque Omar conseguiu os serviços de um piloto hindu que a conduziu até a Índia. Em

(20) DIAS, Carlos Malheiro. "A Semana de Vera Cruz", in *História da colonização portuguesa do Brasil* Porto: Litografia Nacional, 1923 v. 2

(21) A relação do chamado *Piloto Anônimo* foi divulgada em língua italiana por Fracazano Montalbodo, quando da primeira edição da obra *Paesi nuovamente ritrovati* (Veneza, 1507), segundo tradução do texto original em português feita por Giovanni Matteo Crético. A obra reúne em seus 143 capítulos narrativas de navegadores do final do século XV e início do século XVI, dentre os quais Cristóvão Colombo, Vicente Pinzon, Américo Vespúcio, Cadamoto, Pedro Álvares Cabral, dentre outros A relação do Piloto Anônimo aparece nos capítulo 62 a 70, sob o título *De la naviagatione de Lisbona a Callichut de lengua portogallese in italiana*. O sucesso da primeira edição contribuiu para duas outras impressas em Veneza (1517 e 1521), seguindo-se da edições de Milão (1508, 1512 e 1519), sendo traduzida para o latim por Archangelo Madrignano, sob o título *Itinerariu Portugalesiu* (Milão, 1508); para o alemão, segundo edição de Nuremberg de 1508; para o francês, em 1516, o que comprova a sua importância.

(22) BUENO, Eduardo. *A viagem do descobrimento - A verdadeira história da expedição de Cabral*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. p.118.

13 de setembro, aportaram em Calicute a capitânia de Pedro Álvares, a sota-capitânia de Sancho Tovar, a nau *Anunciada*, de Nuno Leitão da Cunha, e de duas outras comandadas por Nicolau Coelho e Simão de Miranda.

No final de setembro o capitão-mor teve o esperado encontro com Glafer, o Samorim - ou *Samudri Raj*, o "Senhor do Mar", de Calicute, quando lhe fez entrega da carta do D. Manuel I, escrita em árabe, e presenteou-lhe com moedas de ouro e prata, sedas e brocados, recebendo em troca autorização para instalação de uma feitoria naquele movimentado centro comercial.<sup>23</sup>

Mas o pior estava por vir. Enquanto os portugueses carregavam suas naus de especiarias, enfrentando a concorrência dos comerciantes árabes, que os viam como uma ameaça aos seus negócios, a esquadra veio a ser atacada, a 16 de dezembro de 1500, por cerca de 300 árabes e hindus. Na ocasião perderam a vida o escrivão Pero Vaz de Caminha, o feitor Aires Corrêa, seis frades franciscanos e 50 outros portugueses. Durante dois dias, segundo relato do *Piloto Anônimo*, foi Calicute bombardeada pelos portugueses "matando infinita gente e causando muito dano à cidade".

Pedro Álvares buscou abrigo no reino de Cochim, na costa do Malabar, distante 200 km de Calicute, para onde se dirigiu no dia 20 de dezembro. O rajá local, rival de Calicute, permitiu a instalação de uma feitoria e o carregamento das naus de pimenta, gengibre, canela e outras especiarias. Em 16 de janeiro de 1501, com uma cabeça de ponte instalada em Cochim, os navios da esquadra de Pedro Álvares iniciaram sua viagem de retomo à Lisboa.

Na sua viagem de retomo foi encontrar em Bezequiche, hoje Dakar, a nau desgarrada de Diogo Dias, com uma tripulação de apenas sete homens, e, numa feliz coincidência, com a expedição de Gonçalo Coelho que seguia em busca do Brasil. Nela estava o cosmógrafo e homem de ciência Américo Vespúcio, navegador florentino de grande conceito, em sua terceira viagem ao continente que veio a ser conhecido pelo seu nome. Na ocasião, juntando a experiência de Pedro Álvares e os últimos informes da expedição de Gaspar Corte Real, que retomara

<sup>(23)</sup> BUENO, Eduardo. op. cit. p.118.

em outubro de 1500 com a notícia da descoberta da Terra Nova, na época batizada por ele de *Terra Verde*, a 50º de latitude norte, que a *Terra de Vera Cruz*, recém-descoberta, fazia parte de um grande continente, o Novo Mundo, que veio a ser chamado de América.

O primeiro barco da esquadra de treze navios a chegar a Lisboa foi a nau *Anunciada*, sob o comando de Nuno Leitão da Cunha, em 23 de junho de 1501, antecedendo a Pedro Álvares que veio aportar no Tejo a 21 de julho de 1501, levando as boas novas ao rei D. Manuel e pela primeira vez unindo os quatro continentes: Europa, América, África e Ásia.

Somente a 28 de agosto de 1501, é que o monarca português, pressionado pela diplomacia hispânica, veio escrever aos Reis Católicos, Fernando e Isabel, dando conhecimento da notícia que ele já tinha conhecimento há mais de um ano. D. Manuel I, tratado por "dilecto filho" pelos Reis Católicos, era casado em segundas núpcias com a infanta D. Maria, terceira filha dos monarcas espanhóis, em cerimônia realizada em Alcácer do Sal a 30 de outubro de 1500. Narrando o acontecido com a armada de Pedro Álvares Cabral, em sua viagem à Índia, o monarca português assevera aos seus sogros que a descoberta de novas terras era obra do acaso, "um milagre do Nosso Senhor", omitindo assim quaisquer outros informes. Tratava-se, pois, de uma versão capciosa, que chegou até os nossos dias, fruto do notório interesse daquele monarca em esconder da Espanha e de outros reinos a importância da Terra de Vera Cruz para a Carreira da Índia, que então se iniciava. Em sua carta, redigida com cautela e ambigüidade, o monarca omite, propositadamente, a posição geográfica da *Terra de Vera Cruz*, bem como os resultados das medições de latitude efetuadas pelo Mestre João em Porto Seguro, e não faz qualquer referência a expedição de Gonçalo Coelho, na qual também embarcara o piloto Américo Vespúcio, que havia zarpado de Lisboa em maio daquele ano de 1501.

Ao receber as notícias sobre a descoberta da grande terra firme austral - cujas extremas setentrional e meridional eram desconhecidas - D. Manuel apercebeu-se que, para além de ter batido os Reis Católicos na corrida pela chegada ao Oriente (1499), acabava de abrir uma nova frente na competição com Castela, desta vez no hemisfério ocidental (1500). Terá considerado, então, mais adequado, devido às

prioridades em assegurar a sucessão do trono (negociações para o seu casamento com a infanta D. Maria) e em ampliar militarmente a presença portuguesa no Oriente e no Norte da África, não permitir a divulgação de notícias sobre o assunto até se encontrar na posse de informações precisas sobre os limites da Terra de Santa Cruz, para o que mandou aparelhar a esquadilha que confiou a Gonçalo Coelho. No entanto, o regresso do Índico dos navios cabralinos, o primeiro dos quais pertencia a particulares, tornou pública a descoberta daquela terra.<sup>24</sup>

A descoberta do caminho das Índias por Vasco da Gama (1498); seguindo-se da viagem de Pedro Álvares Cabral (1500), com a conseqüente achamento do Brasil; bem como das viagens de Américo Vespúcio (1501 e 1506)<sup>25</sup>, que percorreu e registrou os acidentes

<sup>(24)</sup> COUTO, Jorge. op. cit. p. 189.

<sup>(25)</sup> Américo Vespucci (1451-1512), navegador florentino que, antes de 1500, estivera por duas vezes no que veio a ser o litoral da costa norte do Brasil. Na primeira na expedição, sob o comando de Vicente Yañez Pinzon e Juan Diaz de Solis, maio de 1497 a outubro de 1498, quando navegou em águas do Rio Amazonas e ao longo das suas ilhas, e na segunda, sob o comando de Alonso de Ojeda e Juan de La Cosa, maio de 1499 e junho de 1500. Por sua experiência em viagens ao Novo Mundo, foi contratado pela coroa portuguesa para desbravar o litoral do Brasil, embarcando em Lisboa na flotilha de três caravelas, comandadas pelo navegador Gonçalo Coelho, a 10 de maio de 1501 só retornando em 7 de setembro de 1502. "No decurso da viagem foram descobertos e batizados os principais acidentes geográficos", do Cabo de São Roque (Rio Grande do Norte) até o porto de São Vicente, no que veio a ser o litoral paulista. Em sua segunda viagem (1503-1504), também sob o comando de Gonçalo Coelho, fundou uma feitoria em Cabo Frio, deixando como feitor João Braga com uma guarnição de 24 degredados. Ao retornar de sua primeira viagem (1501-02), Vespúcio escreve uma relação dos fatos acontecidos e a envia a Lourenço di Pierfrancesco de Médici que a publicou em italiano na cidade de Paris, provavelmente em 1503, tendo logo depois saído a versão latina, intitulada *Mundus Novus*, publicada em Veneza (1504). Coube a Fracanzano de Montalbodo a publicação dos relatos de Américo Vespúcio quando das edições da obra **Paesi novamente retrovati. Et Novo Mondo da Alberico Vespucio florentino intitolato**, publicadas em italiano nos anos de 1507, 1508, 1512, 1517, 1519, 1521, seguindo-se de dez outras edições publicadas em outras linguas todas da primeira metade do século XVI. Graças ao sucesso de suas cartas, Martin Waldseemüller, professor de Geografia em Saint-Dié (França) e grande admirador de Vespucci, batizou o novo continente com o nome de "América", quando da publicação de sua obra, escrita em latim, sob o título **Cosmographie Introductio** (Saint-Dié, Lorena, 1507, onde consta, como apêndice, o relato das quatro viagens. Com a publicação de *Itinerarium Portugallensium* (Milão, 1508), Tomás Moro tomou conhecimento do episódio referente à fundação da primeira feitoria portuguesa no Novo Mundo e fez inserir sua trama em sua célebre obra, **Utopia** (Lovaina, 1516).

geográficos de todo o litoral do novo continente, vieram coroar a "política do sigilo" desenvolvida ao longo dos anos pelo *Príncipe Perfeito*, cujos frutos foram dados como mercê a D. Manuel I que o sucedera no trono português em 1495.

## O NOVO MUNDO

Após a viagem de Pedro Álvares Cabral é que de fato surgiu o *Novo Mundo*, pela primeira vez conscientemente assumido e proclamado. Os homens daquela expedição, que partira do Restelo a 9 de março de 1500, pela primeira vez fizeram uma viagem unindo os quatro continentes: partindo da Europa, com escala na América do Sul (o Novo Mundo oficialmente reconhecido) e na África Oriental, chegaram à Ásia. Abriam-se, assim, os caminhos para a influência portuguesa em quatro continentes; com repercussões em outras partes do mundo, inclusive na Oceania.

Para Frédéric Mauro os descobrimentos portugueses apresentaram quatro características essenciais:

- a) o "pioneirismo temporal", porque precederam, de cerca de 70 a 100 anos, as outras descobertas européias;
- b) a "dispersão espacial", porque foi a única expansão que permitiu uma implantação em todas as partes do mundo (África, Ásia, América e Oceania);
- c) o "pluralismo civilizacional", pela capacidade que teve a expansão portuguesa de se organizar no mundo segundo duas modalidades diferentes: a da intercomunicação, na África e no Oriente, e a da criação espacial, no Brasil;
- d) o "universalismo cultural", graças à capacidade de adaptação às diferentes civilizações.

Espanhóis, ingleses, holandeses e franceses marcaram também a sua presença nas cinco partidas do mundo, mas o "universalismo cultural" é típico dos portugueses e, em menor grau, dos espanhóis. Uns e outros teriam sido preparados para essa atitude, pelos

contatos da Europa com o Magrebe e através deles com a África e a Ásia<sup>26</sup>.

O "achamento" do Brasil, conforme a carta de Pero Vaz de Caminha que declara ter "encontrado a terra de Santa Cruz" (e não descoberto), na visão de muitos historiadores, entre os quais Jorge Couto e Frédéric Mauro, não se trata de obra do acaso. O Novo Mundo, como sempre foi reconhecido pelos portugueses, serviu inicialmente de base para a Carreira da Índia - "para onde os alísios empurravam as naus e de onde, descendo em direção ao sul, recuperavam os ventos dominantes de oeste que lhes desabam em cima [...] Duarte Pacheco Pereira, o homem que escreveu que 'a experiência é a madre de todas as coisas', parece muito provavelmente ter encontrado o Brasil antes de 1500. E é certo que fez parte da expedição de Álvares Cabral, em 1500"<sup>27</sup>

O Brasil, tal como hoje o conhecemos, com a sua dimensão geográfica continental, suas múltiplas faces culturais, suas variações étnicas e sua unidade lingüística, só veio a tornar-se possível graças à "política do sigilo" desenvolvida pelo *Príncipe Perfeito*, entre 1474 e 1495 vitoriosa no Tratado de Tordesilhas (1494) e perpetuada pelas relações de comércio que se seguiram à explosão da influência portuguesa por todo o mundo.

---

<sup>(26)</sup> MAURO, *Frédéric*. op. cit., p. 26-30.

<sup>(27)</sup> MAURO, *Frédéric*. op. cit., p. 30